



DEPOIMENTO

EXPERIMENTAÇÕES HISTÓRICAS: DA CASA DE CORREÇÃO AO DIREITO DAS GENTES

Gustavo Pinto de Sousa

Universidade Federal do Oeste do Pará

gsousarj@gmail.com

O texto não se configura como uma narrativa sequencial das minhas memórias no Laboratório de Estudo das Diferenças e Desigualdades Sociais (LEDDES). Mas uma apresentação de experimentações históricas que vivo e prático, enquanto pesquisador de identidade leddeana. Afinal, quando penso essa identidade dialogo com Stuart Hall (2005) e Homi Bhabha (1998) ao pensá-la como algo mutável, transformador e dialógico.

Chego ao LEDDES, em 2005, a convite da Profa. Marilene Rosa como bolsista de PIBIC no projeto *O Lugar da Punição: a construção do discurso jurídico político da Prisão no Brasil: 1830-1940*. A partir dele mapeei a documentação a respeito da Casa de Correção da Corte, nos arquivos do Estado (APERJ) e no Arquivo Nacional. O que proporcionou um contato com uma documentação jurídica – *relatórios ministeriais e dos chefes da Casa de Correção, tabela, cartas, legislações e ofícios* – do âmbito da construção correcional. Do lugar da punição, minha inquietação saltou aos africanos livres. Quem eram? Como viviam? O que faziam? Até então, eles eram desconhecidos para uma pesquisa ainda embrionária. Um parêntese: até hoje sonho com as fichas que não identificamos nos arquivos. Não achar aquilo que se quer, faz parte do cotidiano dos arquivos, como também se perguntar por que não estão lá. Daí a primeira lição para um historiador: ser criativo.

Passados dois anos, os africanos livres firmaram-se como objeto de pesquisa. E como tal precisaram passar pela “assustadora” fala dos professores de Projeto de Pesquisa: é preciso delimitar esse seu objeto. Ele está amplo demais. É preciso ajustá-lo. Naquele momento, a questão era: mas o que é isso? Clássico entre os alunos de Graduação, livros como Domínios da História (1997) de Ciro Cardoso e Ronaldo Vainfas, Como se escrever uma tese Umberto Eco (2007), A história continua de George Duby(1996) e Filosofia da Ciência de Rubem Alves (1994) emergiam como leituras obrigatórias. Destaco dessas leituras o livro projeto de pesquisa em História de José d’Assunção Barros (2005), por conta de sua linguagem acessível tornou-se um manual para ajustar os corpus documentais às demandas formais da pesquisa: métodos, campos e canteiros de uma profusão de domínios campos que enlouquecem o aprendiz.

Durante seis anos (2005/2012) iluminei a saga dos africanos livres na Casa de Correção. Entre a graduação e o mestrado, eles proporcionaram experimentações no espaço do LEDDES ao lado de pesquisas sobre favelas (SAUER, 2010), intelectuais africanos (GUIMARÃES, 2012), malandragens (CARVALHO, 2012), medo (THOMAZ, 2008) assistência social (VIEIRA, 2013) e os monges beneditinos (PACHECO, 2010), *os africanos livres*- foram tomando forma a partir das trocas e debates com outros aprendizes na arte de fazer história sob a regência da Profa. Marilena Rosa.

Volto ao Stuart Hall ativando esse pensamento mosaico. Se por um tempo Michel Foucault instigou os nossos debates sempre confrontado com outras abordagens. Afinal, importava em nossas oficinas, apontar as especificidades, permitindo classificar e selecionar o instrumental teórico e suas noções chaves. Experimentar as possibilidades de um pensamento transdisciplinar demandava um cuidado, um refinamento conceitual. Assim se lia e discutia Certeau, Thompson, entre outros. A proposta não era estabelecer um abominável ecletismo mas perceber que as escolhas passam por confrontos e ajustes. Só para registrar o próprio Stuart Hall, assim como, Homi Bhabha, Gaytari Spivak (2010) e Paul Gilroy (2002) de maneira particulares, após diálogos e enfrentamentos explícitos ou não com Foucault, traçaram outros caminhos para ancorar suas reflexões- o que fez emergir outras possibilidades de análise e, em especial, outras ferramentas

Fazer experimentações históricas constitui-se, portanto, como a “teia da bordadeira” numa alusão ao Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007) em *História: a arte de inventar o passado*. Essa criação articula o material empírico que o pesquisador dispõe para a cena temporal [ou textual] que deseja construir. E novamente, no meu caso foi preciso (re)inventar objetos, personagens, cenários e redimensionar o enredo. No projeto do Doutorado revisito e amplio a capacidade de manejo de um corpus documental acumulado em anos de pesquisa. Mas especificamente, desde os tempos da iniciação científica.

Afinal como se escreve uma tese? O que a diferencia dos demais trabalhos? Não se trata de transformar a Tese no *retrato de Narciso*. Ou seja, aquele que acha feio o que não é espelho. Aqui faço uma crítica a overdose produtivista que tal qual as máquinas dos tempos modernos do Chaplin, fazem emergir textos na estafa do trabalho acadêmico. O processo satisfaz as exigências curriculares mas pouco contribui para o debate historiográfico.

O ano de 2013 começa a ser tramada a tese “*No tribunal nas contendas: uma análise comparativa do direito das gentes no Brasil e Portugal 1839-1850*” desenvolvida no PPGHC da UFRJ. O trabalho compara o uso político do direito das gentes utilizado por Brasil e Portugal durante o período de 1839 a 1850. Para trilhar esse caminho, a investigação começa com os debates ocasionados com as aprovações dos *Bills* Palmerston (1839) e Aberdeen (1845) pela Grã-Bretanha. A tese propõe problematizar como as nações brasileira e portuguesa buscaram, a partir do direito das gentes, ferramentas para resolver a contenda estabelecida com a Inglaterra em um contexto de supressão do tráfico intercontinental de escravos no espaço do Atlântico Sul. Nesse cenário, foram pesquisadas fontes oitocentistas da literatura jurídica sobre o direito das gentes, relatórios ministeriais brasileiros e britânicos, diários e debates do governo português, mapas e imagens dos tumbeiros.

A noção de governamentalidade de Foucault (2007) foi operacionalizada a partir do entrecruzamento do direito das gentes com a contenda do tráfico de escravos. Esta escolha permitiu inquirir como os *bills* ativaram o debate sobre soberania, disciplina e gestão administrativa dos governos brasileiro e português. Afinal, as duas nações em cena buscavam alternativas de adaptação, em novos tempos, sem o tráfico intercontinental de escravos. Portanto, o estudo se estrutura nas múltiplas questões

que emergem da comparação/entrecruzamento entre o direito das gentes e os impasses acerca da supressão internacional e intercontinental do tráfico de escravos.

No momento estou no compasso de espera da defesa, na reflexão sobre a contribuição da pesquisa e procurando identificar as suas fragilidades. Com Tzvetan Todorov (1998) em *A conquista da América* (1998), articulado ao fazer cotidiano de professor da Educação Básica inspiraram a narrativa da solitária e traumática escrita da tese. O que significa um risco, porém qual o sentido da vida se a gente não se arrisca? Experimentei no processo/tese os enunciados do discurso jurídico traçando dos atos aos autos; os ritos legislativos, a contenda, em juízo, a conciliação e a saída.

No mesmo tempo outro projeto acontecia. Ou melhor, uma reviravolta na minha vida com a mudança do Rio de Janeiro para Santarém, oeste do Pará após aprovação em concurso público. Como professor da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) leciono as cadeiras de História da África e Educação Etnorracial. Questões domésticas e profissionais, ser o mesmo e ser o outro, experimentações diárias das múltiplas identidades deixam de ser pensadas apenas como uma das matrizes discursivas analisadas no LEDDES, transformando-se em historicidades nos encontros e desencontros do convívio num novo espaço de saber/poder.

A UFOPA com as suas especificidades acadêmicas, teóricas, metodológicas, sociais, étnicas de uma universidade interiorana, na periferia e do Norte, foi um grande desafio. Essas desigualdades projetam-se não como forma diminuta, mas como um instrumento de luta por fixação e expansão na região, que por anos foi carente e desconhecida do resto do país. Entretanto, é importante destacar na atualidade o seu papel integrador, reduzindo abismos sociais e culturais. O que mais uma vez me reaproxima do LEDDES no trato pelas diferenças, desigualdades, vulnerabilidades e suas diásporas, desta feita como um professor universitário, atuando no ensino e pesquisa.

Na coordenação do projeto *Na tribuna a escravidão: uma análise política dos debates parlamentares brasileiro e português sobre o direito das gentes e o tráfico de escravos (1839-1850)* que conta com bolsistas de iniciação (2 de PIBIC da FAPESPA e 2 da UFOPA). Experimentar a satisfação de “orientar como fui orientado”, de iniciar jovens pra estudarem na região amazônica os problemas internacionais do tráfico de escravos, as políticas escravistas e abolicionista no Portugal, Brasil e na Inglaterra,

assim como, a organização social, política e econômica das colônias portuguesas em África. Registro a dedicação dos meus alunos na UFOPA: Adriano Castro, Aline Mousinho, John Avelino e Camila Gomes por dividirem comigo os momentos como doutorando e professor. Além da pesquisa e do ensino também desenvolvo atividades de extensão - projeto Cineclio, exibindo e debatendo filmes para os professores das redes e alunos da UFOPA e de outras instituições. O objetivo é promover a cultura fílmica de uma Santarém fora do circuito dos filmes, do interesse mercadológico das corporações cinematográficas. A universidade precisa, portanto, suprir essas lacunas.

Encerro essa memória afetiva lembrando que o depoimento expõe uma trajetória que como o dente de leão se espargiu. Reafirmar o quanto o experimento laboratorial forjou o pesquisador e o professor como atores de uma dinâmica acadêmica. Estar em outra cidade, estado ou país não me tornou menos participativo. Pelo contrário, ser LEDDES simboliza nesse texto o pensar as especificidades das diferenças e os problemas das desigualdades em qualquer lugar e função pois ser leddeano é uma questão de postura ética.

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *História: A arte de inventar o passado. Ensaios de Teoria da História*. São Paulo: Edusc, 2007.
- ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência – introdução ao jogo e suas regras*. 20ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BARROS, José D'Assunção. *O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- CARVALHO, Marina Vieira. *O Chique em Choque? Os malabaristas da subsistência do pós-abolição carioca*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: MULTIFOCO, 2012.
- DUBY, Georges. *A História Continua*. Rio, Jorge Zahar/Editora UFRJ, 1993.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*, 13. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2007.

- FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes, 2002.
- GUIMARÃES, Rogério da Silva. *Musseques de Luanda: Duplos Olhares. Luandino Vieira e Ladeiro Monteiro (década de 1960)*. Dissertação de Mestrado em História Comparada. Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ. Rio de Janeiro, 2012.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- PACHECO, Paulo Henrique da Silva. *Moral e disciplina: monges e escravos no espaço beneditino na Corte Imperial*. Dissertação de Mestrado em História Política da UERJ. Rio de Janeiro, 2010.
- SAUER, Vicente. *O olhar do jornal sobre as favelas cariocas: uma abordagem bakhtiniana*. Monografia em História. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra R. Almeida, Marcos P. Feitosa & André P. Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- THOMAZ, Daniel Mandur. *Sob a Regência do Medo: Imprensa, Poder e Escravidão no Período Regencial*. Dissertação de Mestrado apresentada no PPGH/UERJ, 2008.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América - a questão do outro*. São Paulo. Martins Fontes. 1988.
- VIEIRA, Ana Lúcia. *A Colaboração Ihe Bate à Porta...': visitadoras sociais e a biopolítica no cotidiano operário (1944-1953)*. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: EdUERJ - Editora da Universidade do Rio de Janeiro, 2013.

Gustavo Pinto Sousa: Professor Assistente de História na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Doutorando em História pelo PPGHC/UFRJ. Mestre em História Política pelo PPGH/UERJ com bolsa Capes/DS. Foi Professor contratado do Colégio de Aplicação da UER (CAp/UERJ) e da Licenciatura em História da UERJ.

Pesquisador Associado do Laboratório de Estudo das Diferenças e Desigualdades Sociais (LEDDDES/UERJ) e Pesquisador do Laboratório de Estudos Africanos (LeÁfrica/UFRJ).

Artigo recebido para publicação em: outubro de 2016

Artigo aprovado para publicação em: novembro de 2016

Como citar:

SOUSA, Gustavo Pinto. Experimentações históricas: da casa de correção ao direito das gentes. **Revista Transversos**. “**Dossiê Resistências: LEDDES 15 anos**”. Rio de Janeiro, n.º. 08, pp. 173-179, ano 03. dez. 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2016.26539

